



AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE A SURDOCEGUEIRA: CONTRIBUIÇÕES PARA ATUAÇÃO DOCENTE

ACADEMIC PRODUCTIONS ABOUT DEAFBLINDNESS: CONTRIBUTIONS TO TEACHING PERFORMANCE

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317813012017092>

Talyta Nunes Rocha, Geisa Letícia Kempfer Böck, Carla Peres Souza – UDESC

RESUMO

Este estudo qualitativo exploratório, realizado por meio de pesquisa documental, aborda o tema surdocegueira, objetivando verificar que informações são veiculadas acerca de estudantes surdocegos em artigos acadêmicos publicados no Brasil, entre os anos de 2001 e 2014, disponibilizados no site de periódicos da Capes. Há o intuito de compreender se essas informações oferecem subsídios à atuação de professores, conforme os aspectos indicados pelos referenciais teóricos. Sete artigos acadêmicos foram encontrados. A metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1988) foi adotada e durante a pré-análise algumas categorias foram definidas, sendo elas: diagnóstico, comunicação e interação social. A partir dessa categorização os documentos sofreram a fragmentação, possibilitando a compreensão de que informações são veiculadas acerca do processo educacional de estudantes surdocegos. Com esse trabalho foi possível compreender a importância de estabelecer redes de apoio à escolarização desses estudantes, em que o professor da sala regular e demais profissionais, família e comunidade interajam na promoção de propostas pedagógicas que favoreçam a comunicação e interação social, com vistas à aprendizagem. Conclui-se, também, que são escassas as fontes de informações, mas o professor que busca incluir todos os estudantes, tentará compreender possibilidades de comunicação, e assim, recursos educacionais e de acessibilidade podem ser explorados.

Palavras-chave: Surdocegueira; Educação Inclusiva; Docência.

ABSTRACT

This exploratory qualitative study, accomplished through documentary research, approach a disability little known by education professionals, the deafblindness. The objective of this research was to verify between academic publications available in the journals of Capes, which information is conveyed about deafblind students. For thus understand if this information offer support to the performance of teachers, according to the aspects indicated by the theoretical references. To accomplish the understanding of the phenomenon under study, from the analysis of eight academic articles found, The Content Analysis methodology (BARDIN, 1988) was used, which provides for the categorization, from the information extracted from the selected documents guided by the theoretical reference, during the pre-analysis. From this categorization the documents suffered fragmentation, making it possible to understand what information is conveyed about the educational process of deafblind students. With this work it was possible to understand the importance of establishing networks to support the schooling of these students, where the regular classroom teacher and other school professionals, family and community interact in the promotion of pedagogical proposals that favor communication and social interaction, in the pursuit of learning and development of deafblind students. It is concluded, too, that the sources of information are scarce, but the teacher who seeks to include all students will try to understand possibilities of communication and thus, educational and accessibility resources can be explored.

Keywords: Deafblindness; Inclusive education; Teaching.

1 INTRODUÇÃO

A escola brasileira se reconhece nos diversos documentos legais e de orientação como um espaço de formação humana e democrático, comprometida com a efetivação da Constituição Federal (1988), em que todos gozam dos mesmos direitos, sendo a educação considerada um dos direitos fundamentais. Isso significa lançar o olhar sobre os diversos sujeitos na escola, não somente os estudantes, mas também os profissionais, que devem promover a formação democrática de todos os estudantes do espaço escolar. Diante disso, uma realidade que vem gerando diversas discussões é a presença de estudantes com deficiência no contexto escolar. Deficiência aqui é compreendida a partir do modelo social, que relaciona a desvantagem vivenciada pelos sujeitos às condições que a sociedade lhes oferece, para interagir e se desenvolver no mundo (DINIZ, 2007), distanciando-se de um modelo biomédico de compreensão em que a deficiência é uma condição do sujeito que lhe impõe limites de desenvolvimento. Nessa perspectiva, os diversos espaços sociais, inclusive as escolas, devem tornar-se inclusivos, abertos a todas as diferenças e variações humanas, para que sejam dadas condições de acesso e participação nos diversos processos que se estabelecem para todos os indivíduos.

Em 2008, a Política Nacional da Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, oficializou discussões e estabeleceu definitivamente um novo papel para a Educação Especial, colocando-a como um serviço dentro do sistema regular de ensino, sendo agora uma modalidade transversal a todos os níveis e demais modalidades, objetivando estabelecer a Educação Inclusiva. Esse novo olhar gerou certo estranhamento aos profissionais da educação, pois revelou o quanto a escola precisa ser repensada, práticas precisam ser redimensionadas e a organização curricular precisa estar adequada, considerando que o ser humano não se resume a um padrão imaginado. Dentre os perfis dos estudantes com deficiência que estão hoje no ensino regular, há os estudantes com surdocegueira, os quais são o foco da discussão aqui elaborada. A eles deve ser garantido o pleno acesso escolar, com reais oportunidades de participação nas atividades pensadas para o grupo/turma a qual faz parte.

A partir dessas reflexões é que foi realizada a pesquisa qualitativa aqui apresentada, sendo ela exploratória e apoiada na análise de publicações/documentos que abordam o tema

da surdocegueira. A busca pelos documentos foi na base de dados de periódicos da Capes, abrangendo as publicações no período de 2001 e 2014. No estudo desses materiais, buscou-se responder a seguinte pergunta: Quais as principais temáticas, relacionadas ao processo educacional de estudantes surdocegos, estão presentes nas publicações selecionadas?

Objetivou-se verificar, a partir de uma amostra de publicações acadêmicas, que informações que são veiculadas acerca do processo educacional de estudantes surdocegos podem contribuir para a atuação docente numa proposta inclusiva de educação.

2 COMPREENDENDO A SURDOCEGUEIRA

Os seres humanos nascem com cinco sentidos, que lhes possibilitam a compreensão e a relação com o que há no entorno. No entanto, é possível nascer sem, ou perder alguns desses sentidos. Diante dessa situação, revela-se a importância de refletir a deficiência enquanto uma condição humana, expressão da variação do ciclo de vida humano, e assim perceber e compreender sobre o modo de como nós, sociedade, criamos possibilidades ou barreiras para a participação dos sujeitos com surdocegueira. Reconhecer que cada um tem a responsabilidade na eliminação de barreiras é um caminho que leva à eliminação dos preconceitos, à busca por possibilidades de qualificação dos espaços e promoção da acessibilidade.

É preciso compreender que a surdocegueira é uma deficiência que tem seus próprios aspectos, portanto não pode ser encarada, simplesmente, como uma perda de audição somada a uma perda de visão (BOCK; SILVA, 2013). Assim, torna-se necessário aprofundar-se nos estudos sobre a surdocegueira e o desenvolvimento da linguagem (ROSA et al., 2005; COSTA, 2014; MAIA, 2010), havendo sujeitos pré-linguísticos, que já nasceram ou adquiriram muito cedo a surdocegueira, ou seja, tornou-se surdocego antes de qualquer contato com a linguagem; e sujeitos pós-linguísticos, que adquiriram a surdocegueira ao longo da vida, após utilizar alguma língua, oral ou sinalizada (MAIA, 2010). É necessário conhecer também os efeitos na comunicação e interação social que essas experiências linguísticas podem gerar, pois há indícios que os surdocegos, considerados pré-linguísticos, tendem a serem hipoativos, isolando-se, ou hiperativos, quando são atraídos por reflexos de claridade, se movimentando e esbarrando em tudo na busca de compreender o mundo

(COSTA, 2014). Acerca das pessoas surdocegas pós-linguísticas, os estudos não apresentam uma qualificação específica, isso porque essa nova condição afeta, muitas vezes, o emocional do indivíduo e pode ser acompanhado de diversas situações (ROSA et al., 2005). Além disso, deve-se verificar as possibilidades para estabelecer a comunicação, compreendendo que:

Comunicação receptiva é um processo de recepção e compreensão de mensagens. No caso da criança surdocega, por vezes é difícil determinar a forma como ela recebe as mensagens.

Comunicação expressiva é a forma como expressar desejos, necessidades e sentimentos. A criança surdocega utiliza normalmente formas de comunicação não-verbal tais como sorrisos, movimentos, mudanças de posição que podem ser compreendidas por adultos familiarizados. A comunicação com essas crianças exige dos adultos que trabalham com elas, conhecimentos específicos sobre esse tipo de comunicação. (NASCIMENTO; MAIA, 2006, p. 22).

É por meio da compreensão dessas maneiras de se comunicar, tanto para pré-linguísticas como as pós-linguísticas, que as relações podem ser estabelecidas. A esse respeito, Petersen et al. (2010) apresentam discussões acerca das formas de comunicação pré-simbólicas, consideradas como uma intenção de se comunicar, em que a criança utiliza-se de comportamentos e gestos para dizer algo. Essa maneira de expressar-se é encontrada principalmente entre os indivíduos com surdocegueira pré-linguística; e a comunicação simbólica, que acontece no momento em que o indivíduo surdocego consegue utilizar recursos relacionados à abstração, ou seja, passa a utilizar um conjunto de códigos ou signos que possuem determinados significados, expressando-se e compreendendo sistemas que utilizam sinais, escritas e até mesmo a fala, o que geralmente observam-se em surdocegos pós-linguísticos.

Nascimento e Maia (2006) consideram que o processo de comunicação inicia-se pela transmissão das mensagens a uma criança surdocega, sendo considerado o recurso da antecipação de fundamental importância, visto que ajuda a criança a compreender gradativamente o que está acontecendo e o que acontecerá posteriormente. Conforme a pessoa com surdocegueira vai adquirindo experiências comunicativas, é possível adotar variadas técnicas e suportes de comunicação mais elaborados.

3 A EDUCAÇÃO ESPECIAL E A SURDOCEGUEIRA

A partir da Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008), o ensino regular assume a responsabilidade de ensinar e promover a aprendizagem de todos os estudantes, contando com serviços de apoio da Educação Especial. Quando nos reportamos aos estudantes surdocegos, é preciso a compreensão de que eles também são capazes de aprender e que devem ter acesso e serem acolhidos nas escolas. O professor da sala do ensino regular pode contar com o apoio do profissional da Educação Especial, garantindo ao estudante surdocego o direito de aprender com os demais colegas de turma. Portanto, é fundamental promover um ambiente acessível, a partir do desenvolvimento

[...] de propostas educacionais mais significativas para nossos alunos com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, pois devemos nos ater a alguns princípios que poderão nortear o nosso trabalho, tais como estimulá-los a uma participação mais ativa no processo de aprendizagem, levar em consideração quem ele é, como se relaciona com as pessoas e o ambiente a sua volta e, mais do que tudo, estar atento à forma como aprende. (PETERSEN et al., 2010, p. 35).

Dessa forma, é preciso conhecer o estudante e verificar o que já faz sentido para ele, explorando essas possibilidades e buscando sempre sua ampliação.

A aprendizagem centrada no aluno procura levar em consideração o ser que aprende, respeitando suas possibilidades e habilidades. Assim torna-se possível a organização de um trabalho que o envolva, de forma que adquira conhecimentos significativos e não apenas respostas mecânicas a um programa. (PETERSEN et al., 2010, p. 35).

No AEE – Atendimento Educacional Especializado - torna-se importante trabalhar a comunicação, a orientação e mobilidade, na promoção da autonomia dentro das

potencialidades de cada estudante surdocego. Deve ser considerada a interdependência como parte constituinte de qualquer contexto social (DINIZ, 2007). Portanto, o estudante com surdocegueira necessita, para sua escolarização, contar com o apoio de um guia-intérprete ou um mediador, que o auxilie nos passos da comunicação. Além disso, é importante proporcionar uma organização dos espaços, com mobiliários adequados, os quais ofereçam segurança a todos os estudantes, inclusive os surdocegos. O AEE pode e deve oferecer acesso a LIBRAS, ao Braille, aos sistemas de calendários, desenvolver a compreensão dos objetos de referência e dos movimentos corporais que auxiliam em sua comunicação, trabalhando as noções de tempo e espaço, ou seja, dar ao surdocego a possibilidade de conhecer todos os meios possíveis para se relacionar com o que há na vida social.

4 CONHECIMENTOS ACERCA DA SURDOCEGUEIRA E ATUAÇÃO DOCENTE

Os estudos de Lehmkuhl (2011) revelam que a formação de professores no Brasil ganhou força na década de 90. Nesse momento histórico, a Educação Especial também começou a ser repensada, ganhando outras categorizações para um novo olhar sobre a aprendizagem das pessoas com deficiência, reconhecendo estes como sujeitos de direitos. Desde então, cursos tanto na modalidade à distância, como presencial vêm sendo realizados, acompanhando momentos de grandes mudanças nas organizações e concepções do sistema educacional brasileiro. Os desafios dos profissionais do ensino regular têm sido repensar propostas pedagógicas, tornando-as inclusivas, contando com o apoio dos profissionais da Educação Especial. Os planejamentos precisam sofrer os ajustes necessários ou devem ser elaboradas novas propostas que ofereçam ao grupo como um todo, oportunidades de participação a partir de suas potencialidades. O Parecer do CNE, nº 17/2001, apresenta que o professor do ensino regular deve valorizar a diversidade dos estudantes, criando possibilidades com o intuito de alcançar os objetivos educacionais. Além disso, deve promover as interações sociais, utilizando práticas que considerem a heterogeneidade, eliminando as que buscam a homogeneização, para que a inclusão aconteça de forma natural, sem categorizações.

Para realização de tais adequações ou mudanças, os professores contam com o apoio necessário, sendo esse garantido na Resolução nº 4/2009, que prevê como uma das atribuições

dos professores especializados, para promover a acessibilidade do estudante, estabelecer parcerias com os diversos profissionais da escola, da saúde e assistência social; o que garante ao estudante surdocego e quaisquer outros, que haverá o compartilhamento de conhecimentos para estabelecer as condições necessárias para oportunizar a aprendizagem.

Nascimento e Maia (2006, p. 55) apresentam que aos estudantes surdocegos devem ser garantidos no espaço escolar também:

- ✓ guia-intérprete;
- ✓ instrutor de língua de sinais;
- ✓ material adaptado no sistema braile ou ampliado em alto relevo;
- ✓ máquina braile modelo Perkins;
- ✓ objetos e formas necessárias para sua comunicação;
- ✓ ampliação do tempo para realização das avaliações aplicadas pelo professor;
- ✓ frequentar a sala de apoio pedagógico especializado e a sala de recursos;
- ✓ participar de ambientes comuns à comunidade surda, ampliando assim seu universo de contatos com pessoas e ambientes.

Os profissionais do AEE devem proporcionar a familiarização do estudante surdocego com os diversos espaços da escola, oferecendo conhecimentos acerca de objetos de referência necessários a sua interação e mobilidade. Além disso, deve auxiliá-los a desenvolver mecanismos de identificação e antecipação, o que auxilia na compreensão dos conteúdos e a efetivação relacional com o contexto escolar. Ainda, para proporcionar qualidade nas interações e favorecer o estabelecimento de um contexto adequado à aprendizagem, alguns aspectos precisam ser observados e garantidos quando há um estudante surdocego na sala de aula, como:

- a) um número de crianças reduzido; b) área espaçosa, permitindo boa locomoção do surdocego; c) piso antiderrapante; d) parede pintada em cor clara; e) boa luminosidade; f) instalação elétrica adequada para uso de equipamentos especializados; g) identificação da porta em braile e em letra



ampliada (caso seja necessário, utilizar um objeto de referência associado); h) lousa pintada na cor preta; i) quadro branco; j) acionadores; l) cantinho de referência dos materiais de comunicação e da rotina diária. (NASCIMENTO; MAIA, 2006, p. 55).

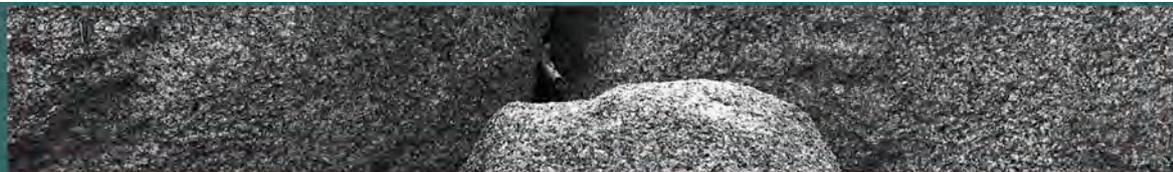
Com essas condições o professor da sala regular conseguirá interagir melhor com a turma e planejar mais situações de interação entre todos. Portanto, ter acesso a conhecimentos sobre a surdocegueira e os apoios necessários, que possibilite estabelecer a comunicação com os estudantes surdos, torna-se de suma importância para a prática docente numa perspectiva inclusiva. O professor do ensino regular, como responsável por organizar o processo de ensino e aprendizagem, precisa levar em consideração no momento de seu planejamento, o perfil de seu grupo de estudantes e considerar as especificidades de cada um. Assim, quando possuir um estudante com surdocegueira no grupo, deve estar atento a certas condições e recorrer a recursos que possibilitem também a participação desses nas atividades elaboradas para a turma, explorando a antecipação com objetos de referência e representações táteis.

5 A ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES ACERCA DA SURDOCEGUEIRA

A partir dos conhecimentos adquiridos sobre surdocegueira, realizou-se uma pesquisa qualitativa e exploratória, sendo essas entendidas conforme Lüdke e André (1986). Para tanto, apoiou-se na pesquisa documental para compreender que informações estão sendo veiculadas em artigos acadêmicos, publicados no Brasil entre os anos de 2001 e 2014, disponíveis em bases no site da CAPES, que contém no título ou nas palavras-chave os termos surdocego(a) ou surdocegueira, resultando em apenas sete documentos, sendo eles:

- ✓ A
Surdocegueira – Saindo do Escuro, de Shirley Rodrigues Maia e Susana Maria Mana de Araújo (2001);

- ✓ Dia
gnóstico e atendimentos para surdos por Rubéola Congênita, de Susana Maria Mana de Araújo (2001);



- ✓ A
 Síndrome de Usher e suas implicações educacionais, de Alex Garcia (2001);
- ✓ Asp
 ectos biopsicossociais na surdocegueira, de Susana Maria Mana de Araújo e Maria da Piedade Resende da Costa (2008);
- ✓ Refl
 exão sobre a relação existente entre pesquisas e publicações sobre surdocegueira no Brasil, de Susana Maria Manade Araújo e Maria da Piedade Resende da Costa (2008);
- ✓ Ate
 ndimento educacional especializado para alunos com surdocegueira: um estudo de caso no espaço da escola regular, de Nelma de Cássia Silva Sandes Galvão e Theresinha Guimarães Miranda (2013);
- ✓ Os
 Desafios da Multideficiência - Um Olhar sobre uma Unidade de Apoio a Multideficiência, de Estefânia Barroso e Helena Mesquita (2014).

De posse de tais artigos científicos, iniciou-se a análise, que foi dividida em três momentos, conforme previsto na metodologia adotada, a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1988). No primeiro momento é realizada a organização para a análise propriamente dita, constituindo-se na pré-análise do conteúdo, ou seja, a exploração inicial dos documentos fontes de dados. Nessa pesquisa, isso significou perceber quais as dimensões que mais apareciam nos textos acerca da surdocegueira no contexto educacional. A partir desse estudo inicial, foi possível estabelecer as categorias de análise, definidas a luz dos referenciais da pesquisa e dos elementos gerais da própria fonte de dados, sendo essas consideradas categorias definidas *a posteriori*. Dessa forma, conseguimos transitar do significante para o significado de um texto, o que ajudou a compreender melhor o fenômeno em estudo e descobrir que informações estão sendo veiculadas acerca da surdocegueira.

Assim, o resultado dessa elaboração apresenta-se em um texto analítico com a compreensão dos dados sobre o que vem sendo veiculado sobre surdocegueira, considerando diferentes dimensões que podem influenciar no contexto educacional.

As categorias elaboradas foram:

- ✓ C1
- **Diagnóstico:** Essa palavra remete a área médica, mas também pode ser entendida a partir de um enfoque social, em que considera que o quanto antes a família e a escola compreenderem como uma pessoa surdocega interage com o mundo e o que necessita ser estimulado, terá seu desenvolvimento e aprendizagem favorecidos. Sendo caracterizada por todos os aspectos relacionados à origem da surdocegueira, podendo ser pré-natais, perinatais ou pós-natais, as quais indicam alguns aspectos possíveis de se manifestarem. Também foram considerados os aspectos que definem as áreas afetadas pela deficiência, podendo apresentar: surdocegueira total; surdez profunda associada com baixa visão; surdez severa associada com baixa visão; surdez moderada associada à baixa visão; ou, ainda, vários outros comprometimentos parciais (COSTA, 2014). Essas informações são de suma importância, pois influenciam na escolha dos recursos, programas e métodos a serem utilizados com os estudantes surdocegos.
- ✓ C2
- **Comunicação:** A comunicação para uma pessoa surdocega pode significar a possibilidade de compreender o mundo ao seu redor. Os modos de comunicação serão dados conforme os estímulos recebidos e o acesso a outros meios de interação. Além disso, as características de cada indivíduo, expressos nos diagnósticos, também definem quais possibilidades de comunicação podem ser exploradas. Dessa forma, nessa categoria serão organizados todos os dados referentes a como a comunicação dos/com os estudantes surdocegos ocorre. Outro aspecto importante, a ser levado em consideração nessa categoria, refere-se a qual experiência linguística esses estudantes possuem.
- ✓ C3
- **Interação Social:** Esse é um aspecto importante para qualquer ser humano, mas para as pessoas surdocegas pode significar superar o estado de isolamento (PETERSEN et al, 2010). A partir do diagnóstico adequado e do estabelecimento de um canal de comunicação é que a interação social passa a ser possibilitada, sendo essa, então, uma categoria dependente das demais, mas que encontra sua própria importância a partir da caracterização que aqui será apresentada. A interação social torna-se um aspecto

fundamental de todo o processo de inclusão, pois quando é estabelecida em sua plenitude é que as possibilidades de aprendizagem do estudante surdocego com seu grupo são potencializadas. Portanto, essa categoria é caracterizada por todos os elementos relacionados a experiências de interação social de qualquer natureza que forem mencionadas nos textos analisados, como: relação estabelecida com os diferentes professores, com colegas, com os familiares, com outras pessoas, seja por meio do guia-intérprete ou não, utilizando recursos de comunicação simbólicos ou pré-simbólicos.

Na continuidade da análise, foi realizada a organização dos dados. Nesse momento tem-se como intenção recortar, agregar e enumerar, esclarecendo as características para chegar à descrição do conteúdo, transformando o texto em unidades, para um melhor entendimento. Assim, foram selecionados ao longo dos artigos, os fragmentos (extratos dos textos) que se relacionam às categorias elaboradas, tanto de forma implícita como explícita, configurando-se nos dados da pesquisa.

De posse de todos os fragmentos relacionados a cada categoria, foi possível partir para a última etapa da análise: a elaboração dos textos sínteses de compreensão, levando a uma interpretação fundamentada dos dados. Esse caminho entre a descrição e a interpretação na Análise de Conteúdo se chama inferência. (BARDIN, 1988). Dessa forma, conseguimos transitar do significante para o significado de um texto, o que ajudou a compreender melhor o fenômeno em estudo e descobrir que informações estão sendo veiculadas acerca da surdocegueira, na tentativa de inferir sobre os subsídios à atuação docente. Apresenta-se a seguir a compreensão acerca dos dados de cada categoria.

- ✓ **C1 – Diagnóstico:** os dados revelaram que um dos principais aspectos relacionados/mencionados nos artigos foi referente às causas que levam a surdocegueira. Percebe-se que tais autores consideram de extrema importância o conhecimento do que levou ao desenvolvimento dessa deficiência pelos sujeitos. Além disso, a maioria dos artigos indica que a surdocegueira surgiu no momento pré-natal, perinatal e pós-natal, associando também as suas causas. Também foi possível perceber que todos os artigos trazem a surdocegueira como uma deficiência única, indicando a importância de tal consideração, pois ela interfere nas escolhas a serem realizadas para o desenvolvimento da comunicação, orientação, mobilidade e acesso à



informação para cada estudante. Isso vem ao encontro do que foi apresentado por alguns dos referenciais teóricos dessa pesquisa, como Bock e Silva (2013). No entanto, os artigos analisados destacam as dificuldades de um diagnóstico global, sendo investigado e comprovado, muitas vezes, um aspecto de cada vez, ora dando prioridade a Surdez ora a Deficiência Visual, prejudicando o desenvolvimento individual da pessoa com surdocegueira. Apontam que isso acaba afetando o acesso ao atendimento adequado desde o momento do primeiro diagnóstico. Dessa forma, é possível perceber que há compreensão de que os diagnósticos inadequados são a causa de encaminhamentos equivocados em relação aos profissionais, materiais e equipamentos especializados na área, os quais desempenham papel importante para que estudantes surdocegos recebam os estímulos que precisam e acesso ao contexto escolar em que estão inseridos. Ainda acerca dessa categoria, essa pesquisa possibilitou verificar a existência das Unidades de Atendimento Educacional à Multideficiência e Surdocegueira, existentes em Portugal, que realizam o encaminhamento das pessoas surdocegas a diversos profissionais, nas áreas educacionais e de saúde, alcançando resultados satisfatórios em relação ao desenvolvimento e inclusão dos estudantes surdocegos, sendo mencionado por Barroso e Mesquita (2014). Os referenciais dessa pesquisa ressaltam que os encaminhamentos adequados, com apoio de profissionais da saúde, principalmente do contexto psicológico, é de extrema importância, principalmente para as pessoas surdocegas pós-linguísticas, que acabam tendo diversas dificuldades pelo emocional afetado, como indicado por Rosa et al (2005). Por fim, foi possível concluir que a maioria dos artigos analisados apresenta, em relação ao diagnóstico, a discussão sobre a importância de proporcionar experiências às pessoas com surdocegueira, conforme suas especificidades. Os dados mostram que temos que considerar todos os aspectos antes e depois de um diagnóstico, se é uma criança pré ou pós linguística, se conhece recursos ou meios de comunicação, o que fazia antes de descobrir a deficiência e o que faz agora, para poder, a partir disso, compreender melhor a pessoa, suas necessidades e potencialidades.

- ✓ **C2 – Comunicação:** os extratos dos artigos, dados da pesquisa, revelam que o enfoque dado nas publicações é nas diferentes possibilidades de se comunicar, valorizando o tipo de comunicação empregado, se são em língua de sinais,

TADOMA¹, choro, gestos, entre outras. Essa discussão está de acordo com as reflexões estabelecidas nos referenciais utilizados na pesquisa (PETERSEN et al, 2010; NASCIMENTO; MAIA, 2006), que apresentam várias maneiras para estabelecer a comunicação, ressaltando a importância de não dispensar nenhum vestígio ou recurso que possa possibilitar a comunicação, sejam pré-simbólicos e/ou simbólicos. Os dados revelaram, ainda, uma preocupação comum dos pesquisadores autores de tais artigos analisados, que muitos profissionais da área da educação não reconhecem a surdocegueira como uma deficiência única. Assim, os artigos estão de acordo com o que é defendido pelos referenciais aqui adotados (BOCK; SILVA, 2013; PETERSEN et al, 2010; COSTA, 2014), mas suas pesquisas revelam um senso comum coletivo entre os professores da educação contrário ao que defende tais referenciais, o que acaba prejudicando a comunicação e o desenvolvimento educacional dos estudantes surdocegos. Ainda, um dos artigos analisados, o de Garcia (2001), discute as implicações educacionais da comunicação com estudante com surdocegueira, trazendo aspectos ligados à prática pedagógica, explicando formas para se comunicar e incluir o estudante com surdocegueira, tanto educacionalmente como socialmente. Outro aspecto evidenciado nos artigos foi o da interação comunicativa com os profissionais guia-intérpretes e os instrutores mediadores das instituições, defendendo a sua importância e os benefícios que tiveram em algumas experiências. A esse respeito, uma questão chama bastante atenção, a qual apresenta que essa presença, algumas vezes, é percebida como um complicador do processo de interação entre professor-estudante, visto que alguns professores de sala de aula regular, depois da chegada dos intérpretes, não tiveram mais contato direto com os estudantes surdocegos, justificando com sua falta de habilidade com as diferentes formas de se comunicar. Por fim, percebeu-se que nenhum dos artigos analisados veicula uma discussão sobre as formas de antecipação, através da utilização de alguns recursos, o que segundo Nascimento e Maia (2006), possibilita a compreensão gradativa do surdocego acerca do que está acontecendo e o que acontecerá posteriormente, facilitando sua participação nas diversas atividades diárias, inclusive as realizadas no contexto educacional.

¹ Tadoma é o recurso utilizado pelas pessoas com surdocegueira para comunicação, ocorre com a imitação dos dedos polegares em cima dos lábios e os outros dedos ao longo do queixo numa percepção tátil da língua oral.

- ✓ **C3 - Interação Social:** os dados evidenciam que a maioria dos artigos analisados apresenta a importância da participação do sujeito surdocego nos diversos espaços sociais, sendo necessário para isso estabelecer formas de comunicação que ultrapassem o estado de isolamento. Os dados indicam que a comunicação mediada por um guia-intérprete ou instrutor potencializa a qualidade e intensidade da interação social com os demais sujeitos de seu convívio diário. Nascimento e Maia (2006) defendem que esses profissionais podem ser considerados o elo entre a pessoa com surdocegueira e o mundo. Os artigos estudados também discutem a importância que a escola tem para o desenvolvimento social, mas salientam que a falta de entendimento sobre a surdocegueira e do estabelecimento de uma rede de apoio entre os diversos sujeitos da comunidade escolar e profissionais especializados que atendem ao estudante, pode prejudicar a comunicação e os meios de relação com o outro. O artigo de Barroso e Mesquita (2014), que aprofunda a discussão acerca das práticas pedagógicas, apresenta as Unidades de Apoio Educacional à Multideficiência e Surdocegueira, adotadas em Portugal, como importantes à promoção da inclusão e melhor desenvolvimento da relação social de estudantes com surdocegueira. Esses locais especializados oferecem apoio ao estudante e aos professores que o acompanham, tanto do ensino regular quanto da Educação Especial. O artigo de Garcia (2001), que discute a Síndrome de Usher², apresenta reflexões acerca das práticas escolares que favorecem a relação dos professores da sala regular e dos estudantes surdocegos, revelando algumas possibilidades de estabelecer um ambiente inclusivo. As discussões apresentadas vêm ao encontro do que Costa (2014) apresenta sobre a importância da adequação dos espaços para receber estudantes surdocegos. Ainda, alguns dos extratos selecionados nessa categoria, indicam a importância da família estabelecer o convívio do filho surdocego com a comunidade em que vive, frequentando igrejas, shoppings, vizinhos, entre outros, para que obtenha seu desenvolvimento social. A família deve garantir acesso a diversos contextos sociais para que a criança surdocega compreenda que há outras pessoas além de seu círculo familiar (FARIAS; SOUZA, 2010). Além disso, é possível perceber a importância dos meios alternativos de comunicação para interação social e desenvolvimento, devendo ser conhecidos não só pelos surdocegos, mas por todos que convivem com ele.

² Síndrome de Usher é uma desordem genética rara na qual as pessoas ficam surdas e cegas gradativamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa realizada foi possível perceber que publicações de artigos acadêmicos sobre o tema surdocegueira são muito escassas no Brasil. Por esse motivo, foram encontradas diversas dificuldades na seleção de materiais que elucidassem aspectos de interesse. A escassez se evidencia ainda mais quando se buscam documentos que discutam propostas educacionais que incluam o estudante surdocego no ambiente escolar, como o processo de ensino e aprendizagem e a organização curricular. Dessa forma, o presente trabalho manteve-se restrito as três categorias elaboradas, numa tentativa de verificar se as informações veiculadas nos documentos analisados aproximam-se do contexto do ensino regular, oferecendo conhecimentos gerais acerca dessa deficiência e do papel dos diversos sujeitos desse contexto para o desenvolvimento desses estudantes.

Durante a análise dos artigos, verificou-se que o professor precisa estar ciente de que o surgimento da surdocegueira na vida do estudante pode ocorrer em qualquer estágio da vida, e, a partir disso, torna-se necessário descobrir que tipos de vivências ele teve antes de ficar surdocego para considerá-las nas propostas pedagógicas elaboradas. Outro fator importante evidenciado nessa pesquisa é quanto à importância de compreender quais modos de comunicação são utilizados pelo estudante, se este frequenta algum atendimento especializado, buscando aproximar-se dele e estabelecendo um laço de confiança e contato direto sempre que possível, incentivando o restante dos estudantes da turma a interagir com esse colega também. É preciso buscar formas de comunicação alternativa. Dependendo da qualidade da comunicação estabelecida é que a interação social é potencializada, retirando o estudante surdocego do estado de isolamento. Assim, é possível concluir que estabelecer a comunicação é uma das principais ações a serem realizadas para promover a inclusão, é por meio dela que o professor consegue perceber como desenvolver seu trabalho pedagógico, assim como com qualquer outro estudante. O professor precisa realmente ter um olhar diferenciado sobre qualquer forma de comunicação que o estudante surdocego de sua turma escolher utilizar, compreendendo e explorando sempre que possível.

O professor necessitará estabelecer uma relação de proximidade com os profissionais que atuam no AEE, pedindo auxílio para ajustar suas atividades pedagógicas para incluir e

possibilitar a participação do estudante. Além disso, contar com o apoio de profissionais como o guia intérprete ou o instrutor mediador, que ajudarão a estabelecer o processo de comunicação, o que possibilita a transmissão e recepção de informações sobre conteúdos e participação em momentos sociais com a turma, conforme apresentado por Nascimento e Maia (2006). Aproximar-se da família também pode auxiliar o professor na tomada de decisões acerca dos encaminhamentos pedagógicos junto à turma, pois como esse é o primeiro grupo social de interação da pessoa surdocega, é possível conseguir informações essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem e de como se dá a relação com outras pessoas.

Assim, se o professor conseguir conhecer as experiências vivenciadas pelo estudante, suas formas de comunicação, suas potencialidades e necessidades, terá informações que poderá lhe auxiliar, e fará sentido a implementação e uso de recursos de Tecnologia Assistiva³ e outras possibilidades que favorecem o acesso aos conhecimentos escolares, numa perspectiva inclusiva de educação.

Com essa pesquisa, foi possível compreender que um estudante realmente incluído em uma turma terá um crescimento acadêmico efetivo, assim como a turma em geral, compreendendo que as diferenças estão presentes em todos os espaços e que todos são capazes de aprender, desde que as práticas pedagógicas não sejam normalizadoras e excludentes e sim planejadas e concebidas a partir do entendimento de que há uma variação de aprendizes na sala de aula, e que nesse contexto, o professor de sala regular terá de assumir seu lugar de promover o acesso ao conhecimento, possibilitando a aprendizagem a todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

- ARAÓZ, S. M. M. Diagnóstico e atendimentos para surdocegos por Rubéola Congênita. **Cadernos**: n. 18, Edição 2001.
- ARAÓZ, S. M. M.; COSTA, M. P. R. Aspectos biopsicossociais na surdocegueira. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.14, n.1, jan.-abr, 2008, p.21-34.

³ Tecnologia Assistiva são recursos, estratégias e serviços direcionados às pessoas com deficiência no intuito de ampliar habilidades funcionais e consequentemente lhes oportunizar uma vida autônoma.

ARÁOZ, S. M. M.; COSTA, M. P. R. Reflexão sobre a relação existente entre pesquisas e publicações sobre surdocegueira no Brasil. **Revista da Educação Especial**, n. 32, Santa Maria, p. 257 – 272. 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

BARROSO, E; MESQUITA, H. Os Desafios da Multideficiência - Um Olhar sobre uma Unidade de Apoio a Multideficiência. **Revista da Educação Especial**, v. 27, n. 48, Santa Maria, p. 219 – 232. Jan – Abr, 2014.

BOCK, G. L. K.; SILVA, S. C. **Simbologia Braile**. Caderno Pedagógico. Florianópolis: DIOESC/UDESC/CEAD/UAB, 2013.

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº17/2001, 03 de julho de 2001**. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 4, 2 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. **Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, 2008.

COSTA, M. P. R. Surdocegueira. In: MARQUEZINE, M. C.; BUSTO, R. M.; MANZINI, E. J. **Surdo, Cego e Surdocego frente as questões da Inclusão Escolar**. São Carlos: Marquezine & Manzini, 2014.

DINIZ, D. **O que é Deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FARIAS, S. S. P.; SOUZA, M. M. Sugestões para os Lares e para as Famílias. In: PETERSEN, M. et al. **Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial: Sugestões de Recursos Acessíveis e Estratégias de Ensino**. São Paulo: Grupo Brasil, 2010.

GALVÃO, N.C.S. S.; MIRANDA, T. G.. Atendimento Educacional Especializado para alunos com surdocegueira: um estudo de caso no espaço da escola regular. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n 1, Marília, p. 43-60, Jan-Mar, 2013.

GARCIA, A. A Síndrome de Usher e suas implicações educacionais. **Cadernos ::**, n. 18, edição 2001.

LEHMKUHL, M. S. **Educação Especial e Formação de Professores em Santa Catarina: Vertentes Médico-Pedagógica e Psicopedagogia como base da Formação Continuada**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis: UFSC, 2011.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação, Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, S. R. Quem são as Pessoas com Surdocegueira e as Pessoas com Deficiência Múltipla Sensorial. In: PETERSEN, M. et al. **Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial: Sugestões de Recursos Acessíveis e Estratégias de Ensino**. São Paulo: Grupo Brasil, 2010.

MAIA, S. R.; ARÁOZ, S. M. M.. A Surdocegueira – Saindo do Escuro. **Cadernos::**, n. 17, Edição 2001.



NASCIMENTO; F. A. A. A. C.; MAIA, S. R. **Saberes e práticas da inclusão**: dificuldades de comunicação e sinalização - surdocegueira/múltipla deficiência sensorial. Educação infantil. 4 ed. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

PETERSEN, M. et al. **Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial**: Sugestões de Recursos Acessíveis e Estratégias de Ensino. São Paulo: Grupo Brasil, 2010.

ROSA, D. et al. **Surdocego Pós – Linguístico**. Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, 2005.

Recebido em 24 de março de 2017

Aprovado em 22 de maio de 2017